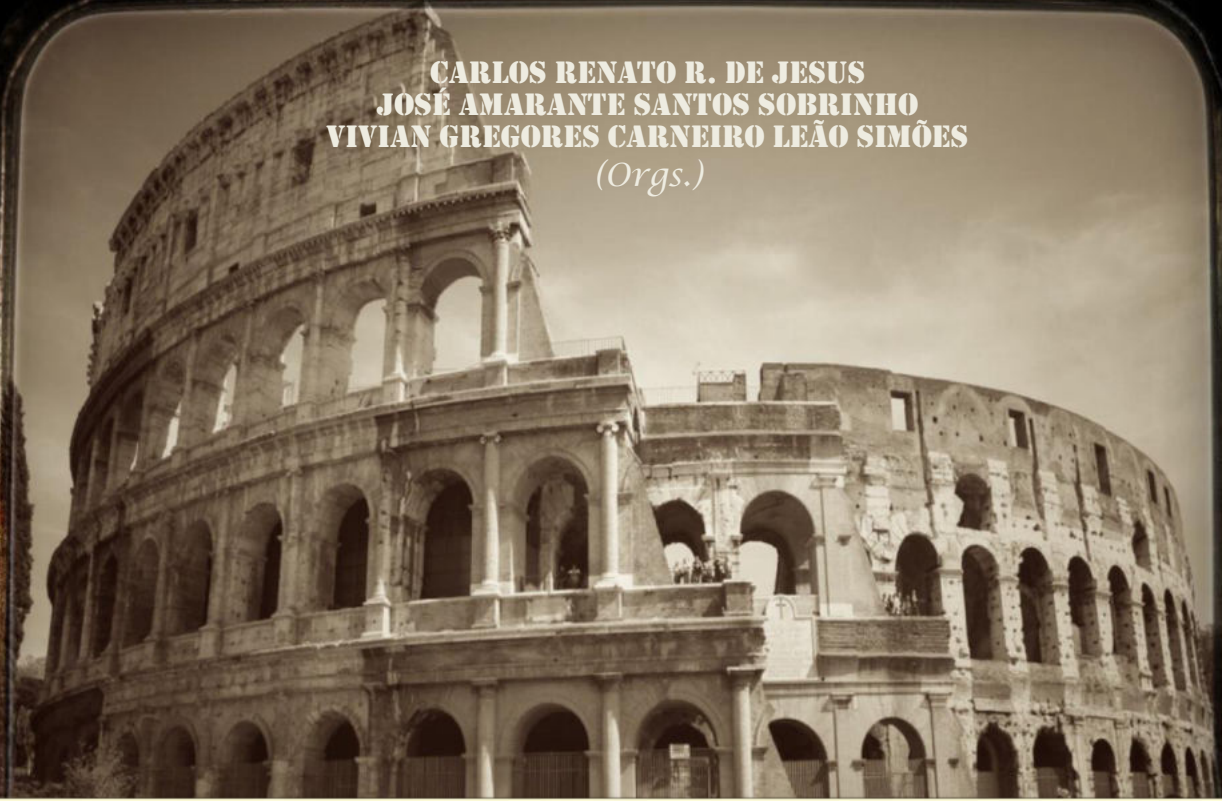


**CARLOS RENATO R. DE JESUS**  
**JOSÉ AMARANTE SANTOS SOBRINHO**  
**VIVIAN GREGORES CARNEIRO LEÃO SIMÕES**  
*(Orgs.)*



**ANAIS**  
**I SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DO AMAZONAS:**  
*“Cultura Clássica e Gramática Ocidental”*  
**VI ENCONTRO NACIONAL DE PROFESSORES DE LATIM**



**UEA**

UNIVERSIDADE  
DO ESTADO DO  
AMAZONAS

*Anfiteatro Flávio (Coliseu) - Roma/Itália*  
*Teatro Amazonas - Manaus/Brasil*

I Semana de Estudos Clássicos do Amazonas: “Cultura Clássica e Gramática Ocidental” & VI Encontro Nacional de Professores de Latim  
(1.: 2017: Manaus, AM)

Anais da I Semana de Estudos Clássicos do Amazonas”: Cultura Clássica e Gramática Ocidental” & VI Encontro Nacional de Professores de Latim/ I Semana de Estudos Clássicos do Amazonas”: Cultura Clássica e Gramática Ocidental” & VI Encontro Nacional de Professores de Latim, Manaus, 2016 (Brasil) – Documento eletrônico. – Manaus: Escola Normal Superior/UEA, 2016 – Modo de acesso:

ISBN: 978-85-7883-374-9

1. Estudos Clássicos. 2. Estudos Clássicos – Cultura e Gramática Ocidental. 3. Estudos Clássicos – Ensino. I. Título.

## A similaridade de Catulo e Propércio.

Elimary Picanço  
(UEA-CESP)

[elimary\\_picanco@hotmail.com](mailto:elimary_picanco@hotmail.com)

Adriana Souza  
(UEA-CESP)

[adrianatvp1@gmail.com](mailto:adrianatvp1@gmail.com)

Prof. Dr. Weberson Fernandes Grizoste (Or.)

**RESUMO:** O presente artigo tem como importância apresentar os escritos da literatura clássica de Catulo e Propércio, com o objetivo mostrar a similaridade entre as suas poesias, pois Catulo tem a sua musa inspiradora Lésbia e Propércio tem a Cíntia, enfatizando a arrebatadora paixão que os dois apresentam por suas musas, o amar até o limite do ódio, o amor doentio, os excessos em suas poesias comuns de uma poesia alexandrina.

**PALAVRAS-CHAVE:** similaridade; Catulo; Propércio; Lésbia; Cíntia.

A similaridade de Catulo e Propércio tem como objetivo pesquisar autores que falam sobre os autores, para encontrar pontos em que os dois apresentam similaridades em suas escritas, as suas paixões, o amor até o limite do ódio, provindas de suas influências alexandrinas. Um amor exagerado, sofrido, algo alienador. Para falar quem era Catulo torna-se difícil como diz Allen.

“Para a crítica antiga, a obra por si só era suficiente para o estabelecimento do estudo literário, sem que, para isso, fossem necessárias maiores pesquisas relativas à vida do autor. Allen demonstra, a partir de Quintiliano, que, para a crítica antiga, o interesse girava em torno do estilo dos elegíacos e não de sua personalidade” (ALLEN *apud* AZEVEDO, 2010, p. 15).

É bem mais fácil encontrar autores que falem dos seus escritos ou que trate de quem era Catulo para contextualizar e tentar entender o porquê da sua forma de escrita ou para justificá-la. A escrita deveria ser explicada por se só. Assim como a suposição que Katia Teonia Costa de Azevedo cita que estaria doente em dois de seus poemas, assim conclui-se que teria morrido naturalmente como o seu irmão também, poeta Herescu. (AZEVEDO, 2010, p. 18). Catulo fora influenciado pelos poetas alexandrinos apesar de fazer parte de um grupo jovem, trazia em seus versos assinaturas abolicionistas a qual não traduzia o espírito modernista.

Assim como Catulo e outros poetas, a biografia de Propércio é retirada de seus poemas como cita Cardoso, “Os dados “biográficos” de Tibulo, Propércio e Ovídio, apresentados por “biógrafos” desses poetas, foram extraídos muitas vezes do corpo dos poemas.” (CARDOSO, 2003, p. 128). Os poetas que contam parte da sua vida em seus escritos, inspirados na poesia

alexandrina quanto à preocupação com a forma em revelar a erudição em citar e preservar o passado, e nomes de outros autores, obras famosas e acontecimentos mitológicos (MONTEIRO, 2006, pp. 43,45). Propércio utilizava estes elementos para escrever elegias amorosas tendo como musa inspiradora Cíntia prometendo eternizá-la em seus poemas.

A Elégia de Propércio 2.1, cita nome de outros autores e suas obras, lugares e representações mitológicas em dois de seus poemas. Como a importante *Iliada* ao falar que iria compor imensas *Iliadas* a sua musa, se ela livre de seus véus lutasse nua com ele. E entre os lugares o Olimpo, Tebas, Xerxes, Egito, Nilo. Os representantes da Mitologia Apolo, Aquiles e Júpiter. E a musa Helena. No 2.34.45-94 aparece Homero, Virgílio, Eneias, *Iliada*, Catulo, Helena, Calvo, Quintília, Galo e por último ele cita a si mesmo.

E livro de Catulo na página 49, no Carme 11, tendo como nome *Pedido a Fúrio e a Aurélio*, inicia com os dois nomes do título, e em seguida Hircânia, Sagas, Partos, César, Reno Gálico, Bretões. E os lugares Índia, Oriente, Arábia, Nilo. As figuras mitológicas em uma das suas aparições é Vénus no Carme 3 o *Epicédio a um pardal*. E duas vezes Júpiter um no Carme 70 tendo como título da *Juras da mulher* e no Carme 72 *Amar mais e Bem-Querer menos*.

O Catulo e o Propércio prometem eternizar suas musas inspiradoras, na Elegia de Propércio 2.25.3-4 diz que a beleza de Cíntia será famosa em seus livrinhos com a permissão de Catulo e Calvo. O qual no verso 2.32.45-46 faz referência a musa de Catulo a Lésbia que bem antes de Cíntia, Lésbia já agia impunemente, quem hoje a segue é menos odiosa. Sendo que Catulo fora uma inspiração para Propércio, o qual apresenta as mesmas características em sua escrita. Na 3.2.17-18 de Propércio, diz que feliz daquela que ele louvar em seu livrinho, pois o canto dele é o monumento a sua beleza. E para finalizar o 2.34.93-94 fala que *Cíntia vive louvada em versos de Propércio, se a Fama me aceitar entre os poetas*.

Segundo Azevedo (2010, p. 15), Catulo utiliza-se da retórica em sua escrita na construção da sua verdade, os fatos podem ou não ser reais, a partir da relação de troca com o seu público, com uma linguagem simples, procurando convencer o leitor. Similar à linguagem de Propércio que tenta convencer que ele sempre tem razão, em relação ao que ele fala sobre Cíntia, pois tanto Cíntia quanto Lésbia são as erradas na relação contraditória em que ao mesmo tempo o amam.

Maria Helena da Rocha Pereira fala das características da arte Alexandrinas dentro do texto de Catulo “Revelador de uma técnica apurada e requintada até aos últimos pormenores da expressão, mas também atravessado pelo calor da paixão e pela vivacidade de sentimentos irreprimíveis, que tomam voz com uma força pouca vezes ouvida em qualquer literatura.” (PEREIRA, 1989, p. 87). Utilizava-se de técnicas para escrever a paixão por Lésbia e Propércio

“Nos quatro livros de elegias compostos por Sexto Propércio, o tema principal é a arrebatada paixão do poeta pela desconcertante Cíntia, musa mundana, vaidosa e venal, graciosa e inconstante.” (THAMOS, 2006, p. 128). A arrebatadora paixão por Cíntia, em que Marcio Thamos a descreve como uma palavra em que exalta e em seguida uma que diz quem é essa verdadeira mulher, que não é descrita nos textos como a perfeição de mulher, mas perfeita para os escritos alexandrinos, pois “o poeta olha para grandes vates do passado e conhece a razão da sua grandeza: foi Cíntia quem tornou Própércio um verdadeiro poeta; Licóris foi fonte de inspiração para Galo; Némesis deu a fama a Tibulo; e Lésbia ditava os versos a Catulo.”(BRANDAO, 1998 [1967], p. 93). Cíntia a responsável por Própércio ser reconhecido como um verdadeiro poeta, com poemas de tons irônicos, o mesmo que a exalta e a humilha, por ele não ser correspondido, a quem deve a sua inspiração em Elegias de Sexto Propércio 2.17.17-18, fala que não mudara de amada.

“Mesmo que seja assim, não mudarei de amada,  
Pois vai chorar ao ver que sou fiel.” (Propércio, 2014, 2.17. 17-18)

Propércio deixa claro à Cíntia que através do sofrimento dele ela chorará ao ver a sua fidelidade. Em muitos de seus poemas Propércio fala do seu sofrimento e pede aos deuses que ela sofra. E no Carme 87 em que Catulo resalta a dedicação que ele tinha por Lésbia a sua musa inspiradora.

“Nenhuma mulher pode dizer que foi tão amada,  
De modo tão sincero, quanto por mim o foi a minha Lésbia.  
Nenhuma lealdade houve tão grande em pacto algum  
Quanta a que ao teu amor foi dedicada por mim.” (Catulo, 2005, Carme 87. 1-4).

Catulo fala que nenhuma mulher fora tão amada quanto Lésbia, uma lealdade que não houve em pacto algum e do quanto o seu amor foi dedicado a ela. Os dois poetas falam da lealdade, do amor em que apenas elas são amadas por eles, mostrando o lado irônico uma das características presentes nas escritas destes poetas. Segundo Zélia de Almeida Cardoso a fidelidade do amante, a lealdade como seu apanágio maior é mencionada a todo momento em seus poemas. Cíntia, o seu primeiro e último amor é a única, sua fonte de inspiração, vida, luz o tudo. E em contraposição é apresentada como mulher infiel, pérfida e mentirosa (CARDOSO, 2003, p. 133).

Maria Helena para falar dos modelos helênicos apresenta o nome dos menores e mais famosos poemas de Catulo e entre eles o que ela chama de o gracioso, o Epicédio pelo passarinho da amada (PEREIRA, 1989, p. 89), no livro odeio e amo tradução de José Ribeiro

Ferreira, o passarinho aparece no Epicédio a um pardal I e no Epicédio a um pardal II. No primeiro, o poema é menor, ele deseja ser o passarinho que brinca com sua amada e descreve a brincadeira do passarinho com a jovem e ao mesmo tempo conversa com o pardal e ao fim diz que quem dera ele pudesse divertir-se com a amada. E no segundo, conta que o passarinho de sua amada morreu, a quem ela amava mais que seus próprios olhos e agora chora Vénus e Cupidos. O qual era como filho e dirige-se ao caminho tenebroso de onde não voltará. O seu irmão foi arrebatado e assim o passarinho. E preocupa-se com a sua amada que por causa do passarinho está a chorar.

O Propércio na Elegias 2.3.1-44. Ele afirmava que não apaixonava-se, no entanto ele diz que enganou-se e tenta convencer-se de que não a ama, porém ele descreve características particulares da amada e cede aos encantos. A moça que ele amava tinha sintuosa e grandiosa beleza, porém ele diz que vinha depois de Helena e compara com inúmeras guerras provocadas por mulheres, não se importa de morrer pela pessoa que ama, por ser muito bonita, poderia tornar-se para toda uma representação de grande beleza.

O forte erotismo nos versus de Catulo “o poeta do amor arrebatado, o poeta dos versos que imortalizaram uma paixão irracional e avassaladora por Lésbia.” (ANDRE, 2006, p. 194). A evocação do prazer não é rara em Propércio. Em 2.14, por exemplo, evoca uma noite de amor inesquecível: *Quantos prazeres eu colbi na noite que passou! Hei-de tornar-me imortal, se uma segunda noite assim eu viver.* (PROPÉRCIO, 2.14. 9-10 *apud* ANDRE, 2006, p. 60). Os dois poetas apresentam em sua escrita versos que falam de seu vigor, Catulo diz no verso 32.7-8 em que dirige-se a Ipsitila. Segundo Carlos Ascenso André, que ela deve ficar em casa e preparar-se para ele para dez fudas em seguida. Propércio em 2.22.21-24 fala que fora capaz de cumprir uma noite inteira a sua função. “Em Catulo, Propércio, Ovídio, há lugar frequente à expressão do erotismo, umas vezes mais velozes mais desabrido; aqui e ali, chega, mesmo, a raiar a linguagem desbragada e, mesmo, obscena, mais próxima do que hoje chamaríamos pornografia do que sensualismo erótico.” (ANDRE, 2006, p. 59). A linguagem desbragada e obscena que não é apenas uma exceção dos escritos de Catulo e Propércio.

O amor quando deixa de ser amor e passa a ser ódio segundo Carlos Ascenso André é o “Amar até aos limites do ódio; mergulhar, vivo, nos mais fundos abismos da morte; olhar por dentro a luz intensa a adensar-se de trevas; clamar de tristeza e amargura em meio da euforia; quando a liberdade se anuncia, sentir os grilhões da escravidão” (ANDRE, 2005, p. 37). O amor que vai além dos limites do ódio em que Francisco de Oliveira em Amor na Sátira de Horácio e seus Predecessores em que o amor é como doença, uma insânia, amor pode ser fonte de tormento e incerteza em que o comportamento do amante implica na submissão à amada

(OLIVEIRA, 2009, pp. 21,22). O amor como doença em que Carlos Ascenso André fala que “Tíbulo, Ovídio, Catulo, Propércio documentam múltiplos exemplos dessa opção pela entrega exclusiva ao amor, sem limites, determinados a sofrer os seus doces males e as suas encantadoras agruras, a experimentar as suas penosas alegrias.” (ANDRE, 2005, p. 40). O nome de um dos menores e dos mais importantes e um representante do modelo Helenístico e o responsável pelo surgimento expressão concisa e densa o Odeio e amo, *Odeio e amo. Perguntarás como isso possa ser. Não sei; mas sinto-o, e é um tormento* (PEREIRA, 1989, p. 89). O amor até o limite do ódio como doença em que em muitos de seus versos apresenta o amor sem limites, responsáveis pelo exagero em suas escritas. “Os excessos de Catulo, a clamar beijos mil, noutros mil repetidos e por mais de mil ou cem multiplicados, mais que as areias do deserto, são disso um exemplo.” (ANDRE, 2005, p. 41). E no Carme 7 que tem como título Excessos da Paixão no livro Odeio e amo fala.

“Perguntas-me, Lésbia, quantos beijos teus  
me bastam e me parecem excessivos.  
Quão grande número de grãos de areia,  
na Líbia, cobre Cirena rica em Laser  
entre o Oráculo de Júpiter abrasador  
e o sagrado sepulcro do velho Bato;  
quantos astros, quando silencia a noite,  
observam os amores furtivos dos homens;  
tantos são os beijos que deves dar ao delirante  
Catulo para ter que lhe baste e o satisfaça.  
Tantos que nem os curiosos os possam contar  
nem a língua invejosa desejar má sorte.” (Catulo, 2005, Carme 7. 1-12).

Os excessos de Catulo em que ele se imagina pedindo para Lésbia perguntar a ele, quantos beijos a ele basta, em que o mesmo responde, os que o baste e o satisfaça.

Segundo Carlos André os poemas de Catulo apresentam uma estrutura retórica interessante em que a grandeza no amor, algo que acontece de forma hiperbolizada, quando sai intensificada pelos instrumentos de comparação, a técnica que vinha fazendo escola. Propércio outro dos poetas do arrebatamento amoroso, na elegia sexta do segundo livro o ciúme, desconfianças, medos, hesitações. Em que num simples carinho, posto que de irmão, criança e parente, vê nele a presença dissimulada de um rival, a ofuscar-lhe a sua imagem. Uma Roma depravada, onde a luxúria domina e tudo apela à experiência desregrada dos prazeres sensuais. Em que nada o fará arredar da constância do seu amor. A mesma força expressiva encontrada em Catulo, no diálogo em oposição, contraditório, reforçada em duplicações. E não menos contraditório no fim de uma elegia eivada de dramatismo. Um amor violento sem significar violência física, exacerbado, um amor que arde, celebrado em múltiplos versos, como virá

séculos mais tarde cantado por poetas do Renascimento, o amor que consome o poeta-amante em chamas assim pisa as fronteiras da lucidez e se desenha um terreno propício a contradições quase absurdas, a que faz conviver, em uma só pessoa o amor e o ódio, usando palavras de pares contrários. Propércio na sua obra documenta uma história de amor eivada de contradições onde o amor e ódio alternam repetidamente, em momentos sucessivos de uma forma desordenada e incoerente, como se desafiasse o leitor, ou convidasse a desvendar o absurdo da paixão. A paixão por Cíntia um fascínio irresistível, marcado por desejo e sensualidade. Uma paixão física materializada no corpo e nos sentidos alternando com o temor. Uma mulher altiva, autoritária, prepotente, senhora de um humor fácil, inconstante nas reações e relações. O autor diz que Cíntia é pérfida, falsa, fingidora e perjura. Ele assume a constância, a fidelidade, submissão com intuito de rejeita-la e depois a ela se submeter. Que é fria, calculista, dominadora e em seguida é sentimental, emotivo e submisso as leis do amor (ANDRE, 2005, pp. 42-44). Catulo e Propércio exageram ao falar que uma noite com a amada valeria por muitas noites.

Catulo fora apaixonado por uma mulher a qual denominou de Lésbia, pois seu nome verdadeiro era Clódia, comum na escrita alexandrina em que as letras deveriam ser parecidas. Uma amante que não correspondia o tamanho do seu amor. Porém, a ela dedicou a sua poesia e seu livro vindo a torna-lhe reconhecido, tendo o amor como o mais puro e sincero.

Propércio com seu espírito contraditório e paradoxal, apresentando amor na agressão, ternura na raiva, compraz-se emotivamente quando é alvo dos piores ataques de fúria. O amante é injuriado, espezinhado, humilhado. Ressalta afirmação de amor e de fidelidade, em contraste com a brutalidade dos gestos de Cíntia. Mas ressalta, também e acima de tudo, a atitude do homem, a roçar o masoquismo, quando faz suas vontades e a descreve, como se em fulguração, a raiva da amada. Uma espécie de oscilações emocional do poeta entre a paixão por Cíntia e o desejo de dela se libertar. Catulo é um exemplo característico que ama com a irracionalidade da paixão, no seu íntimo, o que ama com a irracionalidade e o que lucidamente entende estar na hora de renunciar, de pôr fim a tudo. No constante diálogo entre a voz e a razão, entre a força do amor e paixão e a lucidez imposta pelo amor-próprio ferido. Uma doença que corrói. Pela relação dialógica que mantém com a primeira resposta da voz do amante à voz da razão e o confronto de vontades, a do amante e a da amada. Catulo e Propércio apresentam uma expressão coerente do paradoxo amor e ódio, que não pode ser chamada de coerência por não apresentar lucidez e irracionalidade (ANDRE, 2005, p. 45-61).

Segundo Zélia de Almeida Cardoso, Propércio utiliza da ironia e brincadeira, tratando de questões como o amor, fidelidade, a morte, os deuses, a religião, a guerra e o nacionalismo,



proporcionando aos leitores diferentes temas que correspondem a diferentes interpretações (CARDOSO, 2003, p. 128). Catulo e Propércio utilizam destes elementos em que transforma o texto em uma espécie de jogo de palavras para causar diferentes reações nos leitores. Pois, o que é apresentado por eles de forma séria proporciona o cômico na relação poeta e leitores.

Carlos Ascenso André diz que Catulo não apresenta pudor ou receio de excessos de linguagem e ao comentar sobre Propércio, diz que cada homem carrega consigo desde o dia do nascimento qualidades e defeitos na qual hão-de vir a ser ao longo da vida o que chama de marca identificadora. E a característica que melhor o distingue é a propensão para o amor e as consequências da prática do amor são visíveis no corpo, no rosto. A amada pode atestar a sua capacidade, pois a palidez talvez não seja verdadeira por a sua energia e vigor, compara-os aos de Júpiter, que ordenou o prolongamento da noite para mais tempo poder partilhar o leito de Alemana e desfrutar do seu corpo, seguro de que as forças lhe não faltariam; considera-se tão vigoroso como Heitor, na companhia de Andrómaca; eis, pois, um novo Aquiles e um Heitor no amor (ANDRE, 2006, p. 81). O amante ser um guerreiro e compara a um soldado em campo de batalha para S. Lilja “além de combater “contra” a amada, para a vencer, o amante combate ainda por ela, quando tem de enfrentar rivais” (S. LILJA *apud* ANDRE, 2006, p. 82). O amante deve impressionar e ainda lutar por ela, pois o amante não deve sair envergonhada pelo outro, como nas batalhas tem que lutar um bom combate como Pereira fala sobre a amante Cíntia “A própria ligeireza de Cíntia, a leviandade que se não cansa de apregoar, impõem-lhe uma resistência semelhante à de um bom soldado” (ANDRE, 2006, p. 82). O vigor de Cíntia semelhante a um soldado. E que o feito não é menor que a conquista de uma cidade. *O espetáculo não foi menor do que a conquista de uma cidade* (PROPÉRCIO *apud* ANDRE, 2006, p. 89). É comparado a um grande feito a uma conquista grandiosa.

Segundo Carlos André, a relação sexual que inclui sedução e troca, a fruição mútua, Ovídio condena o comércio do prazer, o sexo comprado, e Catulo rejeita com uma mordacidade que lhe é bem característica, a prostituição. Catulo será um dos exemplos mais elucidativos. Aurélio e Fúrio haviam-no acusado de falta de pudor na sua linguagem poética, mas o pudor esclarece, não fica bem em aos seus versos estes devem antes ser licenciosos e estimular o apetite dos homens. E é o melhor exemplo entre o conjunto de poetas da poesia licenciosa, de linguagem despudorada, muitas vezes a raiar a obscenidade. E ele apresenta exemplos os primeiros é Vibénio e o filho que são bem conhecidos, um pela mão desavergonhada e ou outro por um rabo insaciável. E um outro sujeito e de sua amante, partilhada com um rival, um tipo mal cheiroso, diz que se aventura a espetáculo sórdido de cada vez que com ela faz sexo (ANDRE, 2016, pp. 58-93). Segundo Francisco de Oliveira ao falar de Horácio apresenta como

exemplo Própércio, sobre a oposição aos perigos do adultério. Um relacionamento matrimonial prolongado de encontros casuais para satisfazer necessidades físicas através de sexo comprado, que consagraria a ausência do *topos* do adultério, de acordo com o ensinamento de Epicuro (OLIVEIRA, 2009, p. 41) O Propércio condena o sexo comprado e fica feliz porque com ele é diferente. Como apresenta na Elegia de Propércio.

“Nenhuma noite com presentes eu comprei:  
Tudo que tive foi da tua vontade.  
Se muitos te queriam – só tu me quiseste:  
Como posso esquecer os teus cuidados.” (Propércio, 2014, 2.20. 25-28)

Ele demonstra felicidade, pois em seguida ele cita que a sua lealdade será sempre a mesma. Porque para Propércio Cíntia era uma interesseira que se vendia em troca de algo de valor, mais que com ele fora diferente, Cíntia ficou porque quis, e com isso ele deduziu que ela o amava por ele ser o único. No anterior a esse o 2.16. Ele diz que ela pesa ao bolso dos amantes e ao mesmo tempo fala aos outros que eles querem comprar amor com presentes. Para ele uma amante deveria envelhecer em casa e não dormir com um sujo nem que fosse por vestidos, esmeraldas ou topázios brilhantes para não causar ira do trovão, pois há castigo e por esse motivo a amante não deve querer vestidos de Sídon para não ter Austro nebuloso.

José Luís Lopes Brandão fala que Marcial assim como Catulo, tentou cantar uma Lésbia que tinha o cabelo mais louro que o de uma nórdica. Uma mulher desavergonhada que não resguarda os atos íntimos e faz amor *incustoditibus et apertis limniibus*; e o chama de depravada porque bebe água depois de *fellare*, e além disso tem uma *facies imperiosai* que inibe o pênis do poeta, e por ter as nádegas avantajadas tem problemas para sentar e se levantar é velha, embora o não admita, e nunca que nunca se dá gratuitamente. Pois Marcial teve como inspiração a musa de Cornélio Galo a Licóris e a formosa Glicera, e entre elas Lésbia, assim usa-se dos mesmos atributos de Catulo em sua escrita (BRANDÃO, 1998 [1967], p. 98). Ele diz que Licóris é velha, pois todas as suas amigas já teriam morrido e, além disso, é desdentada e tenta por todos os meios ficar branca. Algumas são velhas, mas não assumem e têm pretensões e Lésbia que mente a idade apesar de ser bela, mas só de corpo como o nome sugere Lídia só que apenas quando está calada.

Carlos André ao falar do amor homossexual diz que na Antiguidade clássica era uma prática que fazia parte do cotidiano e era encarado naturalmente pela sociedade, um amor mútuo entre jovens livres do mesmo sexo. No qual quem exercia a penetração era o dominador, quem a sofria era o dominado, independente do sexo. Sendo que tratando de masculinidade social equivalia para o dominante. A pederastia era uma tradição grega e como tal assumida em

Roma e a relação de poder fazia toda a diferença. A distinção não era entre macho e fêmea, entre homossexual e heterossexual, mas sim entre quem tinha e quem não tinha poder, entre ativo e passivo. O que era um objeto de sarcasmo de Catulo e mais tarde em Marcial era a sujeição de um corpo, fosse igualmente livre ou não. Entre parceiros sexuais e uma certa hierarquização de poder, Catulo mesmo na sua ligação com Lésbia, assume um papel discutível, do ponto de vista da sua masculinidade, ele é o dominado e ela a dominadora, na relação com a amante ele subverte o papel que, em princípio, deveria ser o seu. Catulo vive seus amores homossexuais e heterossexuais de um modo igual. A Lésbia é o amor da sua vida e por Juvêncio um outro Love affair, menos elevado, mas não por não ser mulher, de um ponto de vista emotivo e sexual Catulo é bissexual por ser difícil de aceitar que o seu afeto por Juvêncio fosse do tipo paternal. Sendo que Catulo ridiculariza a atitude dos homens que aceitam ser sexualmente dominados por outros. Faz uso de palavras do vocabulário sexual com conotação precisa um e outro não-de ser subjugados pelo poeta com quem ameaça forçá-los a ter com ele, sexo anal e sexo oral, sendo sempre ele quem exerce a penetração. É o que a poesia convém, ser ligeira e brejeira a ser capaz de promover a excitação dos homens seus leitores (ANDRE, 2006, p. 175-203). Dependendo de quem queria demonstrar o poder era o dominante independente do sexo.

Portanto, o artigo a similaridade de Catulo e Propércio por meio de pesquisa para encontrar pontos em comum sobre os dois. Tem Lésbia e Cíntia como as principais similaridades. O Catulo veio primeiro e serviu de inspiração, Propércio esse é um motivo pelo qual a sua escrita é semelhante. A sua paixão, o ódio e amor, no amor, os exageros, o sofrimento alienante e as suas influencias alexandrinas. Os poetas que a sua escrita justifica-se por si só e os seus dados bibliográficos são retirados de seus poemas. Apresentando exemplos de lealdade e fidelidade do amante. Cíntia e Lésbia sendo de cada um o único amor e fonte de inspiração, vida, luz o tudo. Os dois apresentam características visuais de suas amadas. Contendo erotismo de forma irônica, exemplos de vigor, relação de poder em relação ao sexo. O amor como doença, insânia, e que pode ser fonte de tormento e incerteza que o comportamento do amante implica na submissão à amada. Poemas carregados de dramatismos e contradição. De um amor violento sem significar violência física. E exemplos que representam o vigor do amante e que rejeita o sexo comprado.

## REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Carlos Ascenso, **Caminhos do amor em Roma: sexo, amor, paixão na poesia latina do século I a. C.**, Lisboa, Cotovia, 2006, 57-95; 175-203.

ANDRÉ, Carlos Ascenso, «*Tanto de meu estado me acho incerto*» contradição do Amor, de Catulo a Ovídio», **Ágora. Estudos Clássicos em Debate** 7 (2005) 37-63.

AZEVEDO, Katia Teonia Costa de. **Coma Berenices**: Uma leitura do poema 66 de Catulo, Katia Teonia Costa de Azevedo. - Rio de Janeiro: UFRJ, FL, 2010.

BRANDÃO, José Luís, **Da quod Amem: amor e amargor na poesia de Marcial**, Lisboa, Colibri, FLUC, 1998, 93-117.

CARDOSO, Zélia de Almeida. **Ironia e humor nas elegias de Propércio**. Letras Clássicas, n. 7, 2003, 127-150.

CATULO, **Odeio e amo**, trad. José Ribeiro Ferreira, Coimbra, Minerva, 2005.

MONTEIRO, Beatriz Sobral. **Os caminhos e os descaminhos da leitura de Propércio Livro I**- Elegias I, II, VII, VIII e XII, Beatriz Sobral Monteiro – Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas, 2006.

OLIVEIRA, Francisco de, **Amor na sátira de Horácio e seus predecessores**, PEREIRA, M. H. R., FERREIRA, J. R., OLIVEIRA, F. (coord), Horácio e a sua perenidade, Coimbra, CECH, 2009, 21-53.

PEREIRA, Maria Helena da Rocha, **Estudos de história da cultura clássica**, vol. 2, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1989, 13-34; 39-92.

PROPÉRCIO, Livro II in **Elegias**, trad. Guilherme Gontijo Flores, Belo Horizonte, Autêntica, 2014, 88-197.

THAMOS, Márcio. Propércio, I 1; I 2; I 7; I 12, Algumas Elegias do Livro de Cíntia. **Letras Clássicas**, n. 10, 2006, 215-224.